

Naspolini, um italiano na Colônia Santa Isabel

Archimedes Naspolini Filho¹

“Até recentemente eu dispunha de pouquíssimas informações sobre a origem da família, na Itália. Tinha gravado no meu inconsciente que o nonno Stefano morreria quando meu pai, Archimedes, tinha cinco anos e que ele se encontrava trabalhando na construção da estrada que liga Florianópolis a Lages, subindo por Santo Amaro da Imperatriz, Águas Mornas e Rancho Queimado. Tinha, também, uma vaga lembrança que ele teria sido enterrado no cemitério de uma vila chamada Taquaras, à margem da estrada que ele ajudara a construir. Lembro-me, também, que a notícia da morte dele só chegou em Cocal, onde a nonna Giovanna morava, oito dias depois, mediante um mensageiro que fez o trajeto a cavalo!”

Começa assim o texto de Antenor Naspolini, à página 04, na apresentação do livro que ele, os filhos Marisa Naspolini, Murilo Naspolini e Cleide de Oliveira escreveram, biografando nosso avô paterno Stefano Naspolini.

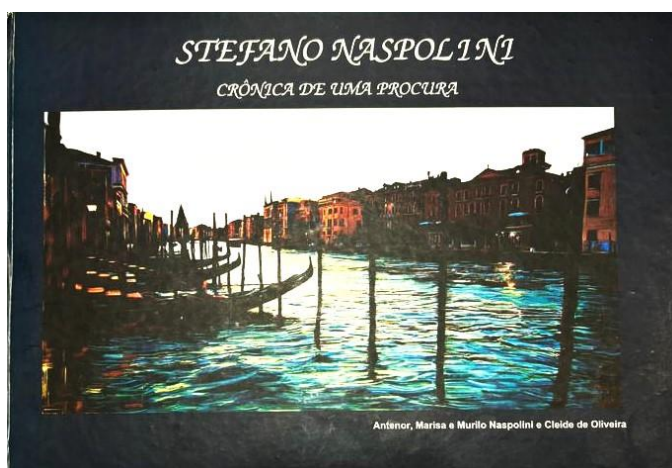


Fig. 1: Capa do livro “Stefano Naspolini Crônica de uma Procura” – autoria de Antenor Naspolini, Marisa Naspolini, Murilo Naspolini e Cleide de Oliveira (2013).

¹ Archimedes Naspolini Filho, servidor público aposentado, administrador de empresas graduado na Escola Superior de Administração e Gerência, em 1979. Jornalista Profissional, radialista, escritor. Residente na cidade de Criciúma/SC. Contato: naspolinifilhogamboa@gmail.com

Stefano Napolini – Crônica de uma procura

A família Napolini pouco sabia de suas origens. Os escritores acima mencionados resolveram trazer essa história à tona. E o fizeram percorrendo todos os caminhos possíveis e imagináveis, na velha Itália.

Descobriram que (NASPOLINI et al., 2013, p. 57):

às oito e meia da noite de 9 de abril de 1853, tocou a sineta localizada ao lado da ruota do Pio Istituto di Venezia. Era o sinal de que uma criança abandonada acabara de ser entregue ao Instituto. A Irmã Benevenuta girou a roda e apareceu um menino envolto em roupas simples e usadas. Na ficha de acolhimento consta o número 173, o que indica que, antes dele, no ano de 1853, até aquela data, outras 172 crianças já haviam sido colocadas na ruota do Instituto. Segundo o registro no libro di ruota, Stefano é natural de Veneza.

Sem nome e sem documentos. E foi o Instituto que lhe deu o nome “Stefano” e o sobrenome “**Naspolini**”, fundando, ali, o nosso tronco familiar: o sobrenome Napolini era desconhecido do dicionário onomástico italiano. Não se sabe a razão pela qual o mencionado sobrenome foi escolhido nem se reporta a alguma pessoa, fato, evento, etc. Tem-se como certo que Napolini foi assim grafado, pela vez primeira, no próprio Pio Istituto di Venezia.

Como ocorria com os ali acolhidos, aquele bambino estaria à mercê de adoção e foi adotado pela família Panata (Pietro Panata e Maria Luigia Piccoloto), da Paróquia de Arson, distrito de Feltre, Veneto, 15 dias depois de deixado naquela instituição.

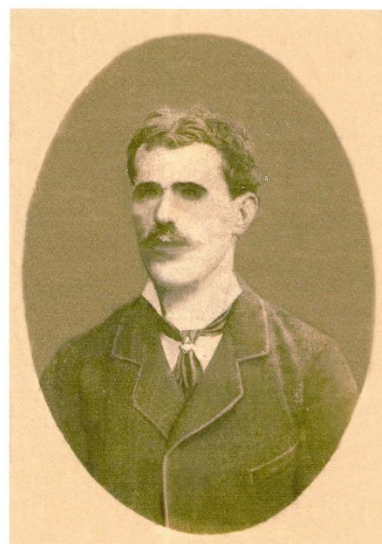


Fig. 2: Stefano Napolini vestido a caráter para assumir as funções de Conselheiro (Vereador), no Município de Urussanga, em 1903 (Acervo de Venicius Burigo).

Ruota degli esposti

Antenor Napolini, entusiasta pesquisador da história do *nonno* paterno, descreve, com singular simplicidade, o que é a RUOTA DEGLI ESPOSTI. E fui buscar no livro em tela sua exposição sobre esta particularidade. Ele diz assim (p. 56):

Stefano foi um ‘bambino esposto’ colocado na ‘ruota’ do Pio Istituto di Venezia. A prática do abandono de crianças recém-nascidas tem raízes milenares. É conhecida desde a primeira época romana e permanece, como um desafio, até os dias atuais. No início do segundo milênio (1200-1300) tanto na Itália como no restante da Europa, o fenômeno se torna importante pela quantidade de crianças abandonadas

que levaram as autoridades da época a enfrentar o problema. Foi então que surgiram os 'brefotrofi', os estabelecimentos para acolher e criar as crianças abandonadas. Os primeiros foram criados por iniciativa de voluntários e instituições de caridade. A 'ruota' era um mecanismo giratório de forma cilíndrica, construído de madeira. Tinha uma pequena porta voltada para o interior e outra para o exterior, de tal forma que permitisse a alguém colocar o 'bambino esposto', sem ser visto por dentro. Girando a 'ruota', a parte com a criança era colocada no interior onde, aberta a portinha, podia-se pegar o recém-nascido para dar-lhe os primeiros cuidados. Bem perto da 'ruota', do lado de quem entregava a criança, existia uma pequena sineta para advertir quem deveria recolher o recém-nascido. Também, havia, no muro, uma espécie de boca para colocar cartas, por onde colocar ofertas para sustentar quem fosse tomar conta dos 'esposti'. Para um eventual e posterior reconhecimento, por parte de quem tinha abandonado o bebê, com o objetivo de comprovar a legitimidade e oportunamente busca de volta a criança, eram inseridos, na 'ruota', junto com o recém-nascido, documentos ou outros sinais identificatórios.



Fig. 3: Fachada do edifício sede do Pio Istituto di Venezia. (Foto de Cleide de Oliveira, 2012. (Acervo: Antenor Napolini).



Fig. 4: Vista de parte lateral do Instituto com a porta de entrada, o local onde estava a ruota (círculo na parede à esquerda) e a placa ameaçando com excomunhão quem entregasse a criança ao Instituto, tendo condição de criá-la (placa branca no alto à esquerda). (Foto de Cleide de Oliveira, 2012. Acervo: Antenor Napolini).

A Ruota do Pio Istituto di Venezia

Sobre o mencionado Pio Istituto sabe-se que:

Estava localizada na parede lateral do Instituto, na Calle de La Pietá, bem próxima ao molhe onde transitam barcos e gôndolas, portanto com fácil acesso. Na parede do Pio Istituto permanece, até, hoje, gravada, em baixo relevo, uma inscrição que ameaça com excomunhão os que mandarem ou permitirem que sejam mandados

os seus filhos legítimos ou naturais para o 'Ospedale dela Pietà', tendo condições de criá-los².

Stefano na Ruota

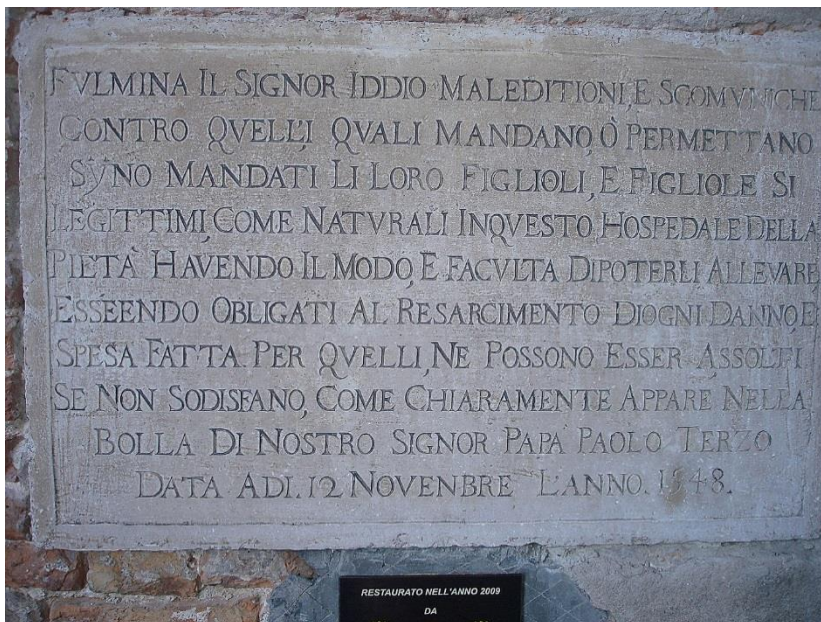


Fig. 5: Placa ameaçando com excomunhão a quem entregasse criança ao Pio Instituto, em Veneza, tendo condições de criá-la (Foto de Cleide de Oliveira, 2012. Acervo: Antenor Naspolini).

Transcorria o ano de 1853. O dia era 9 de abril. E uma criança foi exposta na “ruota” do *Pio Istituto di Venezia* (NASPOLINI et al., 2013, p. 57):

Às oito e meia da noite de 9 de abril de 1853, tocou a sineta localizada ao lado da 'ruota' do Pio Istituto di Venezia. Era o sinal de que uma criança abandonada acabara de ser entregue ao Instituto. A Irmã Benevenuta girou a roda e apareceu um menino envolto em roupas simples e usadas. Na ficha do acolhimento consta o número 173, o que indica que, antes dele, no ano de 1853, até aquela data, outras 172 crianças já haviam sido colocadas na 'ruota' do Instituto. Segundo o registro, no 'libro di ruota', Stefano é natural de Veneza. No território da República de Veneza operavam outras instituições similares ao 'Istituto di Santa Maria Dela Pietà'... Na mesma ficha de acolhimento há uma descrição das vestes, dos sinais e documentos que ele foi entregue. Descrição das vestes: uma fralda de algodão muito usada, três panos esfarrapados, uma atadura esfarrapada, uma camisa de tecido esfarrapada. Descrição dos sinais e documentos: metade da imagem (santinho) do

² Ibidem, p. 56. Tradução livre: O Senhor Deus fulmine maldições e excomunhões contra aqueles que mandam ou permitem que sejam mandados os seus filhos ou filhas, tanto legítimos como naturais, para este Hospedale Della Pietà tendo a maneira e a faculdade de poder criá-los. Sendo obrigados ao ressarcimento de todo dano, e de despesa efetuada por eles, não podendo ser absolvidos se não satisfizerem, como claramente consta na bula do Nosso Senhor Papa Paulo Terceiro. Datado de 12 de novembro do ano de 1548.

Imaculado Coração de Maria, no verso da qual está escrito: 'Depositado neste lugar Pio no dia 9 de abril de 1853, no período da noite.'

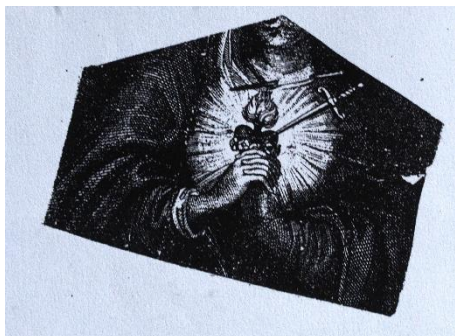


Fig. 6: Metade da imagem de um santinho do Imaculado Coração de Maria. No verso da fração original está escrito: “Depositado neste lugar Pio no dia 9 de abril de 1853, no período da noite”. (Foto de Cleide de Oliveira, 2013. Acervo: Antenor Naspolini).



Fig. 7: Antenor Naspolini exhibe um pôster com a imagem do Imaculado Coração de Maria, que remete ao santinho cortado ao meio como documento da origem de Stefano Naspolini. (Foto de Cleide de Oliveira, 2013. Acervo: Antenor Naspolini).

Segundo Antenor Naspolini (2013, p. 59):

Pela indumentária com a qual Stefano foi encaminhado ao Pio Istituto, podemos deduzir que se tratava de uma criança de família muito pobre. Como as vestes eram todas já bastante usadas, é possível supor que já tinham servido a outras crianças e que, portanto, não era filho único. O fato de ser entregue com um sinal, metade de um 'santinho' do Sagrado Coração de Maria, demonstra que a família era católica, sem condições de criar o recém-nascido, alimentava a esperança de, um dia, quando as condições fossem favoráveis, retornar ao Istituto, apresentar a outra metade do 'santinho' que ficara em seu poder, e resgatar o Stefano para o convívio familiar. Nesta perspectiva não se tratava de um abandono por parte da família, mas um pedido de ajuda temporário. Não há informações sobre qualquer contato posterior da família com Stefano. No seu corpo não havia sinal especial. A criança foi batizada por Don Bartolomeu Bosa e, na pia batismal, recebeu o nome de STEFANO NASPOLINI. Nascia um cristão... Nascia a família NASPOLINI.

Pio Istituto di Venezia

O QUE É? SUA LOCALIZAÇÃO? AINDA EXISTE?

Nossos pesquisadores foram para a Itália buscar as respostas *in loco* a muitas perguntas sobre a origem de Stefano. Dentre tantas, estas, sobre o Instituto que acolheu o recém-nascido que seria o patriarca da Família Napolini, seu fundador.

No registro do casamento religioso de Stefano com Giovanna consta que ele era dependente do Pio Istituto di Venezia e que morava em Arson desde a infância. Naquela ocasião a vontade nossa era de ir de Feltre a Veneza, que não ficava tão longe, e tentar buscar, imediatamente, a resposta a essas perguntas. No entanto, a nossa felicidade com a descoberta do registro no cartório de Feltre acelerou nosso retorno a Paris para contar tudo, (...).³

Esse Instituto, localizado bem próximo da Basílica de São Marcos, da cidade de Veneza, é uma instituição caritativa que acolhe “bambini esposti”, isto é, crianças abandonadas. E é Marisa Napolini quem descreve os principais tópicos relacionados com o **BAMBINO ESPOSTO**:

Exposto à caridade pública. Geralmente de família pobre. Colocavam na porta de uma igreja ou de uma casa ou na ‘ruota’. Mais de 50 crianças abandonadas por volta de 1850, na região. Veneza era o centro principal da ‘exportação’ de crianças. A família que acolhia recebia uma pensão (até famílias pobres acolhiam por causa da pensão). O sistema religioso recomendava o acolhimento. As crianças ficavam ‘agregadas’ à família acolhedora. Sobrenome fictício dado pela instituição, no ato do acolhimento. O registro de batismo era separado de outras crianças. Os acolhidos encontravam dificuldade de emprego e não serviam às forças armadas. O orfanato acolhia e encaminhava às famílias⁴.

E a descrição de Marisa Napolini prossegue:

QUANDO STEFANO ENTROU?

Seguramente, na primeira semana de vida.

DE ONDE VEIO?

De perto, redondezas ou mesmo de Veneza. As cidades maiores e vizinhas tinham seus próprios ‘racoltatori di gettattelli’ (recolhedores de abandonados) ou

QUEM TROUXE?

Muito provavelmente foi deixado na ‘ruota’. Era a grande maioria dos casos. A ruota ficava numa parede do prédio, de frente para um canal pequeno, para facilitar a sua utilização sem tornar conhecido o portador. Era suficientemente pequena para não comportar bebês maiores. Depois tiveram que aumentar, porque até machucava os pobrezinhos. A de Veneza foi abolida por volta de 1880⁵.

³ NASPOLINI et al., 2013, p. 28.

⁴ Ibidem, p. 40.

⁵ Ibidem, p. 40s.



Fig. 8: Vista parcial de Veneza a partir do segundo piso do Pio Instituto di Venezia. (Foto de Cleide de Oliveira, 2011. (Acervo: Antenor Naspolini).

DE ONDE VEM 'NASPOLINI'?

E Marisa Naspolini segue escrevendo:

Quando eles já tinham um nome, este era trocado para evitar que a mãe o buscasse de volta sem consultar o Instituto. Em geral os sobrenomes eram discriminatórios: Inocent, Esposito, Della Madonna, Colombo, etc. Depois isso foi proibido por lei. O Instituto procurava um nome semelhante a outros já existentes, mas jamais igual para não comprometer as famílias e nem gerar 'situações constrangedoras'. Dizem, no entanto, que havia uma lista dos nomes criados pelo Instituto e que estes eram reconhecidos no meio"⁶.

Antenor foi atrás de algum nome italiano assemelhado a Naspolini. E encontrou, alguns, em esparsas listas telefônicas, como:

NAPOLINO – província de Nápoles;

NESPOLI – províncias de Belluno e Treviso;

NESPOLO – província de Vicenza;

NESPOLON– províncias de Pádova e Rovigo;

NASPONI – província de Roma;

NASPINI – província de Trento;

NASPOLANI – província de Bolzano).

⁶ Ibidem, p. 50.

QUANDO SE TRANSFERIU PARA A FAMÍLIA PANATA?

*Libro-Ruota. Seguramente, no primeiro ano de vida, foi entregue a uma 'balia' (ama de leite) para ser amamentado. Depois voltou ao Instituto e então foi adotado. Na verdade, a família recebia uma pensão para mantê-lo e ele deveria aprender um 'mestiere' (ofício) e oferecer mão-de-obra barata. Nada muito romântico!*⁷

Antenor Napolini descreve o acolhimento pela Família Panata, dizendo assim (2013, p. 61):

No 'libro-ruota' consta que, no dia 24 de abril de 1853 – portanto 15 dias após o seu nascimento, Stefano foi entregue a balia Maria Luigia Piccoloto, mulher de Pietro Panata, da Paróquia de Arson, Comune de Villabrunga, Distrito de Feltre. No livro da Paróquia Stefano foi registrado na folha da família de Pietro Panata, que teve quatro filhos: Carlotta (1855), Vittore Biaggio (1858), Rosa Tereza (1860) e Marco Domenico (1863). Merece destaque o fato de que Pietro Panata e Maria Luigia se casarem em 1850 e tiveram o primeiro filho em 1855, dois anos após o nascimento e acolhimento de Stefano.

A família que acolhia um 'esposto' recebia a 'dozzina', uma renda monetária paga trimestralmente pelo Istituto di Venezia. Eram cifras modestas, aproximadamente um terço do que ganhava um trabalhador rural, mas dadas as condições de extrema pobreza em que viviam as famílias camponesas daquele tempo, era sempre uma renda e, acima de tudo, segura. A 'dozzina' era garantida até uma certa idade da criança acolhida, com valor decrescente com o passar do tempo.



Fig. 9 e 10: Nesta casa em Feltre, morou o imigrante Stefano Napolini. (Foto de Cleide de Oliveira, 2012. (Acervo: Antenor Napolini).

Assim, Stefano viveu em Feltre desde a adoção em 1853 até emigrar, com sua mulher Giovanna Scott, para o Brasil, em fevereiro de 1887. Ele se casou dia 12.01.1887, em Arson, na cidade de Feltre, Itália. O casamento se deu na igreja da localidade de Via Arson,

⁷ Ibidem, p. 61.

Feltre, Itália (de onde Giovanna era natural), dia 25.08.1861. Ele, com 33 anos de idade. Ela, com 25.

Chegando ao Brasil foram construir o seu projeto de vida na comunidade urussanguense de Acioly de Vasconcelos, hoje Cocal do Sul/SC, onde construíram uma família formada por 7 filhos, a saber: Brasil Fortunato, Ema Natalina, Ítalo Primo, Cincinato, Archimedes, Iolanda e Elvira.

E os autores do livro epigrafado nos revelam (2013, p. 6):

*O primogênito que viveu 72 anos (27.10.1887 – 15.10.1959) foi registrado com o nome **Brasil Fortunato**. O nome soava como uma dupla homenagem: Fortunato era o pai de Giovanna, portanto, sogro de Stefano. Brasil, certamente, era uma homenagem à terra que acolheu o imigrante italiano. No registro do recém-nascido consta que os avós paternos são desconhecidos. Sobre a nacionalidade⁸ havia precisão: Itália. Mas a naturalidade era muito vaga: província de Belluno. Sem especificar a cidade ou comuna.*

***Ema Natalina**, nascida no dia de Natal de 1889, viveu 17 anos. No inventário de Stefano ela é identificada como muda e paralítica.*

*O registro de **Ítalo Primo**, que viveu 85 anos (26.06.1891 – 10.05.1977), também foi feito pelo pai Stefano e nele consta, novamente, que os avós paternos são desconhecidos e que os pais são italianos da província de Belluno.*

*O quarto filho, **Cincinato**, que viveu 92 anos (12.03.1893 – 10.06.1985), também foi registrado pelo pai Stefano, constando idênticas informações sobre os avós paternos e nacionalidade.*

***Archimedes**, que viveu 66 anos (28.01.1899 – 03.03.1965), teve seu registro feito pelo juiz de paz, Cristóforo Pescador, com idênticas informações sobre os avós paternos e nacionalidade. Nos registros de todos os filhos de Stefano e Giovanna consta o nome de Cristóforo Pescador, juiz de paz, como testemunha e apenas no registro de Archimedes ele consta como declarante. Provavelmente Stefano se encontrava na construção da estrada que liga Florianópolis a Lages, não estado presente por ocasião do nascimento e registro de Archimedes.*

***Iolanda**, que viveu 94 anos (08.02.1902 – 23.02.1996), também foi registrada pelo pai Stefano, como as mesmas informações sobre avós paternos desconhecidos, nacionalidade italiana e naturalidade belunense. Pelos registros de nascimentos dos filhos confirma-se uma informação transmitida em gerações: Stefano era um 'bambino esposto', uma criança abandonada, cujos pais eram desconhecidos.*

***Elvira**, falecida antes de completar um ano de idade".*

⁸ Trata-se da nacionalidade dos avós paternos de Brasil Fortunatto.

Da família de Giovanna Scott, esposa de Stefano Napolini, tem-se o seguinte:

Giovanna nasceu em Villabrunga, Feltre, em 25 de agosto de 1861. Filha de Fortunato Lorenzo Scot (12.07.1835 – e de Maria Caval (08.03.1839). Neta de Giovanni Scot (07.02.1807) e de Anna Sachet (17.05.1812), bisneta de Giuseppe Scot casado com Antonia Demin, em 1787. Giovanna teve onze irmãos:

*Luigia (21.06.1859),
Angela (13.12.1860),
Domenico (25.10.1862),
Marco Antonio (28.08.1864),
Filomena (25.04.1866),
Rosa Felicita (13.06.1868),
Anna (08.08.1870),
Vincenzo Lorenzo (10.08.1871),
Carmelina (20.07.1873),
Giovanni Antonio (13.06.1876), e
Amália (10.04.1878)⁹.*

Emancipado o Município de Urussanga, em 1900, Stefano Napolini foi eleito conselheiro da primeira legislatura, dia 07.12.1902. E aqui, uma curiosidade: ele não se naturalizou brasileiro, pré-requisito para disputar eleições, mesmo assim foi eleito vereador. À época não havia necessidade de campanhas eleitorais, bastava inscrever o nome e os eleitores faziam suas opções. Consta que o Conselho Municipal (Câmara Municipal) se reunia uma vez por mês, tão somente.

É de Antenor Napolini este texto (2013, p. 60):

Uma vez na sua propriedade, e em companhia de sua esposa, Stefano enfrentou os mesmos problemas vividos pelos seus compatriotas que emigraram da Itália e, muito cedo, percebeu que o 'eldorado' só existia na propaganda governamental. Mas, acostumado a enfrentar desafios, foi à luta começando pelo cultivo da terra que, agora, era sua.

E continua a mesma fonte:

Passados poucos anos, tomou conhecimento da construção da estrada Florianópolis-Lages e da disposição de muitos 'oriundi' de participar da frente de trabalho que garantia uma renda segura, enquanto a mulher e os filhos cuidavam da lavoura. Alistou-se para trabalhar na estrada e, graças às suas habilidades, tornou-se Feitor da Obra¹⁰.

Está aqui, no texto supra, a resposta do **por quê** um italiano está inserido no contexto germânico da abertura da estrada que ligava Florianópolis a Lages, hoje rodovia BR-

⁹ NASPOLINI et al., 2013, p. 22.

¹⁰ Ibidem, p. 63.

282. Stefano chefiava uma equipe de italianos, na maioria oriunda de Cocal do Sul e Urusanga que, atraídos pelos valores salariais, deixaram suas famílias e comunidades e foram ajudar a construir a estrada de ligação entre o litoral e a serra catarinense. E acantonavam-se em barracos cobertos de lona e folhas de palmito, que construíam ao longo das picadas sobre as quais a estrada ia sendo aberta.

Estado de Catharina Contrato de Trabalho de 1896

Livro ponto Da estrada Florianópolis a Lages de 1896

N.	NOMES	Emprego	Dias																												Total dias	Jornal	TOTAL	
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28				29
1	Pierobon Giuseppe																																	24
2	idem Luigi																																	24
3	Burigo Giuseppe																																	24
4	idem Antonio																																	22
5	Vacchet Lorenzo																																	22
6	Moraco Paulo																																	24
7	Morot Romano																																	8
8	Luigi Maria Roffo																																	24
9	Baldassar Luigi																																	23
10	idem Pietro																																	24
11	Moraco Mauro Jr																																	23
12	Benedet Sebastião																																	24
13	Luigi Eugênio																																	24
14	Moraco Jerônimo																																	24
15	Brandebini Agostino																																	5
16	Giotti Cavaglini																																	24
17	Da Nod Giuseppe																																	23
18	Moracco Faustino																																	21
19	idem Owalde																																	22

Fig. 11: Página do “livro de ponto” de Stefano, datado de março de 1896, para controlar a frequência dos trabalhadores da estrada Florianópolis a Lages, cujos sobrenomes são quase todos italianos. (Acervo: Venicius Burigo, 2010).



Fig. 12: Vista de um trecho da estrada que Stefano Naspolini ajudou a construir. Vista parcial de Taquaras, em Rancho Queimado, em cujo cemitério da Igreja Católica repousam seus restos mortais. 2013. (Acervo: Antenor Naspolini).

E o Antenor prossegue (2013, p. 63):

Mas a distância da sua moradia e o local da construção da estrada era muito grande: vários dias de marcha a cavalo. Assumir o novo compromisso implicava em ausentar-se de casa por muitos dias. Mas não havia opção e Stefano tornou-se um nômade, mudando de endereço de acordo com a construção da estrada. De tempos em tempos retornava ao lar para rever a sua família, tornando-se um desconhecido até para seus filhos mais novos, acostumados unicamente com a conviência materna.

Em 1787 foi aberta a primeira picada, criando um caminho entre a serra e o litoral. Posteriormente começaram os trabalhos para a construção de uma estrada para facilitar o transporte de gado e o comércio. Em 1902, com a ajuda de Stefano, a estrada já permitia o tráfego de carroceiros, carreteiros e de veículos automotores.



Fig. 13: A linha azul, que corta o estado catarinense de Leste a Oeste, é a atual rodovia BR-282. Foto divulgação

Abandonado

Antenor Naspolini encerra assim a lavratura da história desse italiano de fibra, falecido em 1904, aos 51 anos de idade e sepultado em Taquaras, Rancho Queimado/SC:

*No dia 24 de julho de 1904, acometido por uma doença desconhecida e fulminante, Stefano faleceu em Taquaras, atualmente distrito de Rancho Queimado. Nenhuma pessoa de sua família acompanhou seus últimos momentos. **Abandonado ao nascer... abandonado ao morrer**¹¹.*

¹¹ Ibidem, p. 67.



Fig. 14: Na sepultura de Stefano Naspolini, em Taquaras, num marco de medida de distância da estrada que construía, foi gravado, em baixo relevo, seu nome e apenas a data de falecimento. (Acervo: Antenor Naspolini, 2013).



Fig. 15: Soberana, na colina, a igreja católica São Bonifácio, em Taquaras, em cujo cemitério repousam, desde 1904, os restos mortais do imigrante Stefano Naspolini. 2013 (Acervo: Antenor Naspolini, 2013).



Fig. 16: Há sempre um Naspolini cuidando da conservação do marco identificatório de sua sepultura. (Acervo: Antenor Naspolini, 2013).

A esposa de Stefano Naspolini, Giovanna Scott, faleceu dia 14 de fevereiro de 1937, na casa de seu filho mais velho, Fortunato Brasil Naspolini, e foi sepultada no cemitério municipal de Criciúma/SC. Seus restos mortais repousam na capela mortuária da família de seu filho Archimedes Naspolini.



Fig. 17 e 18: Placa de granito aficionada posteriormente na sepultura de Stefano Naspolini, contendo um resumido perfil biográfico do imigrante. 2013 (Acervo: Antenor Naspolini).

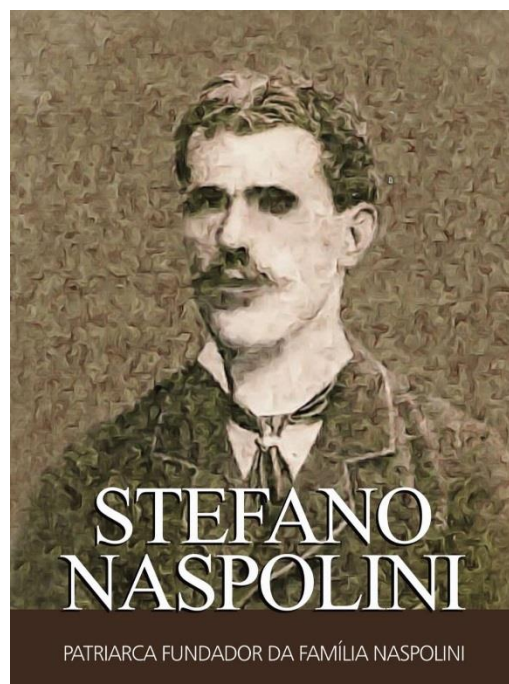


Fig. 19: Alguns componentes da grande família Naspolini, nas dependências do Cemitério Católico de Taquaras, em Rancho Queimado/SC, por ocasião da comemoração dos 160 anos de nascimento do imigrante italiano Stefano Naspolini e desta própria família, em 09.04.2013. O evento foi organizado pelos irmãos Antenor e Valter Naspolini. Foto de Cleide de Oliveira, 2013. (Acervo: Antenor Naspolini).

Post scriptum

O apanhado revelador do perfil biográfico do imigrante Stefano Naspolini fora dado por concluído quando recebi, de João Zanatta¹², seu bisneto, informações que mostram – em resumo – detalhes importantes de tal biografia e que, devidamente autorizado, insiro neste artigo. João Zanatta diz assim:

Fig. 20: Arte editada pelo autor em alusão ao fundador da família Naspolini.



Stefano Naspolini e Giovanna Scot

1 – **Data e local de nascimento de Stefano:** *Veneza, Itália, 09.04.1853. Órfão de pai e mãe, porque foi entregue na roda do convento – “Ospedale della pietà”, em Veneza, Itália.*

2 – **Casamento e seu primeiro filho:** *Casou-se com Giovanna Scot no dia 12.01.1887, ela nascida em Vila Arson, Feltre, Itália, em 25.08.1861, ele com 33 e ela com 25 anos, no dia do casamento. Chegaram ao Brasil, Rio de Janeiro, dia 20.03.1887, partindo para Laguna dia 22.03.1887, com o navio “Paraguai”. Tinha quase 34 anos de idade e 70 dias de casamento. Seu primeiro filho, nascido no Brasil dia 27.10.1887, em Cocal do Sul, foi Brazil Fortunato Naspolini (registro no cartório). Observa-se que Fortunato Brasil Naspolini (que era como ele se assinava), nasceu no Brasil 9 meses e 15 dias após o casamento dos genitores na Itália. Com esse nome que deu ao seu primeiro filho, Stefano fez duas homenagens: Ao seu sogro, Fortunato Lorenzo Scot, e e à sua nova pátria, o Brasil.*

3 – **Patrimônio do casal deixado pelo falecimento de Stefano:** *Eu, João Zanatta, nascido aos 08.08.1938, filho de Antônio Zanatta e de Gracia Naspolini, esta nascida em 23.02.1915, filha de Fortunato Brasil Naspolini e Italia Soligo, digo que no dia 16.08.1999, me dirigi, de Florianópolis/SC, onde resido, à cidade de Rancho Queimado, sede do município do mesmo nome e encontrando o Cartório do Registro Civil pedi para fazer busca do registro de óbito do Sr. Stefano Naspolini,*

¹² **Referências:** Valter Naspolini, in: “STEFANO – O Embrião da Família Naspolini”, edição de 08.06.1998, Criciúma/SC; Escrituras Públicas, Certidões e outros documentos citados neste trabalho. João Zanatta, Advogado, OAB/SC 0882. Foi advogado (concursado-1967) e diretor do Banco Regional de Desenvolvimento Econômico, BRDE, no qual se aposentou em 1995. AGRADECIMENTO: Ao Joao Zanatta que, com seu relato, enriqueceu o pequeno histórico desse italiano intrépido que veio ao Brasil constituir uma enorme família e que deixou em Taquaras, território da ex-Colônia Santa Isabel, um pouco do seu trabalho e, especialmente, seus restos mortais.

sepultado no Distrito de Taquaras, cuja lápide da sepultura grava, em baixo-relevo, a data de falecimento de Stefano, como sendo dia 24.07.1904, tendo o Cartório encontrado o seguinte:

“Nº 8. Termo de Obito

Aos vinte e cinco dias do mez de Julho do anno um mil novecentos e quatro, no districto de Santa Isabel, Municipio da Palhoça, Estado de Santa Catharina no lugar Rancho Queimado em meu cartório me foi entregue uma guia de obito assignada pelo Inspector Policial Gustavo Westphal declarante: Que no lugar Taquaras neste districto em casa de residencia do Cidadão Gustavo Luchtenberg, falleceu em doença desconhecida, no dia vinte e quatro do mez e anno supra declarado, as cinco horas da tarde, o Sr. Stefano Nespolini, casado, vigiador dos trabalhadores da estrada geral que segue para Lages, com cinquenta e um anos de idade, filiação desconhecida, natural da Italia, e morador no Municipio de Urussanga, e deixou de seu matrimonio com sua mulher Joanna Nespolini seis filhos sendo: Brazil Nespolini, com dezoito annos de idade, Emma Nespolini com quatorze annos, Idallo Nespolini com doze annos, Sincinato Nespolini com onze annos, Arquimilio Nespolini com seis annos, Joanna Nespolini com dois annos de idade. O fallecido foi sepultado no cemitério das Taquaras, no dia vinte e cinco do mez e anno supra declarado as tres horas da tarde, foram Testemunhas: Nicolau Schwinden e Aureliano de Oliveira Branco. Do que para constar lavrei o presente termo e dou fé. Eu Frederico Jung escrivão interino que o escrevi e assigno. Escrivão interino: Frederico Jung.”¹³

Como se observa, em que pese a boa vontade do declarante Inspector Policial Gustavo Westphal, os nomes estão todos errados e as idades a conferir... O importante é que a data do falecimento dia 24.07.1904 está correta. Tendo deixado bens a inventariar, foi feito o inventário, na forma de Arrolamento¹⁴.

*Como se depara nos autos desse processo de Arrolamento, o Promotor Público da Comarca de Tubarão, em face do não comparecimento de ninguém, até a data de **15.12.1906**, para requerer a instauração do Processo de Inventário dos bens deixados pelo falecido Stefano Nespolini, falecido em **24.07.1904**, requereu ao Juiz de Direito que mandasse intimar Giovana Scot Nespoline “para no prazo legal comparecer em juízo e prestar a promessa, sob as penas da lei.” No mesmo dia o Juiz Candido Leão despachou o pedido do Promotor, mandando intimar Giovana, que recebeu a intimação nessa mesma data de 15.12.1906.*

Dia 17.12.1906 Giovana prestou compromisso de inventariante nos autos. Declarou-se como meeira e seis filhos herdeiros todos “morando com sua mãe” (sic), sendo que consta que Ema Nespolini era interdicta, por ser muda e parálitica. Então:

¹³ “Cartório de Paz de Rancho Queimado – Comarca Santo Amaro da Imperatriz/SC. **Autenticação:** Autentico a presente cópia fotostática por ser uma reprodução fiel de documento que me foi apresentado, com a qual conferi e dou fé. Rancho Queimado, 16 de 08 de 1999. (Ass.) Lauretti Emília Bruch Eger, Escrivão de Paz Designada.”

¹⁴ No “Juízo de Direito da Comarca de Tubarão”, nº 122, Livro 1º, fls. 20v, Escrivão Barbosa.

Meeira e inventariante: Giovana Scot Nespolini;

Filhos:

1º – Fortunato Brazil, solteiro, de dezenove annos de idade;

2º – Ema Nespolini, de dezessete annos de idade, interdicta;

3º – Itallo Nespolini, solteiro, de quinze annos de idade;

4º – Cecinato Nespolini, de treze annos de idade;

5º – Archimele Nespolini, de sete annos de idade;

6º – Yorlanda Nespolini, de cinco annos de idade.

Dias 7, 8 e 13 de março de 1907, foram intimados para a audiência de arrolamento dos bens, respectivamente, o Promotor Público, a inventariante e meeira Giovana Scot Nespolini e os filhos Fortunato Brazil e Itallo Naspolini, para comparecerem à audiência marcada para o dia 15.03.1907, às 12h e assistirem ao Arrolamento dos bens.

Considerações Finais

STEFANO NASPOLINI, o **fundador da família Naspolini**, nasceu em Veneza, Itália, a 09.04.1853. Emigrou para o Brasil a 20.03.1887. Faleceu a 24.07.1904, na localidade de Taquaras, em Rancho Queimado/SC, aos 51 anos de idade. Pouco se sabe sobre as circunstâncias de sua morte; repousa no cemitério católico da igreja dedicada a São Bonifácio, na localidade onde faleceu e seu túmulo é visitado, com regular frequência, por membros de sua numerosa descendência. Esta é parte da história do imigrante STEFANO NASPOLINI, no território da ex-Colônia Alemã Santa Isabel.

Referências

NASPOLINI, Antenor e Outros. **Stefano Naspolini. Crônica de uma Procura**. Criciúma/SC: Ed. do autor, ano 2013.

NASPOLINI, Valter. **STEFANO – O Embrião da Família Naspolini**. Criciúma: Apontamentos para a História, 5 páginas, edição de 08.06.1998.

Como citar este artigo

NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Naspolini, um italiano na Colônia Santa Isabel**. Páginas da Colonização: Estudos/subsídios históricos sobre a Colônia Alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação, 2024. Disponível em: <http://tonijochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao/>